

Turismo Sustentável. É possível?

O turismo é um dos sectores com maior importância para a economia de muitas regiões portuguesas, garantindo rendimentos importantes para as famílias, autarquias e empresas. É um sector cuja qualidade e desenvolvimento depende das características naturais e culturais locais. A perda desses valores pode transformar rapidamente um ciclo de prosperidade numa recessão sem retorno.



Fig. 1 - Aproveitar os espaços naturais para percursos de interpretação da natureza, em vez de os destruir com a construção de infra-estruturas turísticas, é uma forma mais sustentável de rentabilizar os nossos recursos

Os principais exemplos de desenvolvimento turístico em Portugal têm caído inevitavelmente num modelo que descaracteriza o território e destrói os valores de referência desses destinos, levando à perda de qualidade. Para além de Lisboa, com um turismo ancorado na cidade, o Algarve e a Madeira, as outras duas regiões com maior

número de dormidas, têm vindo a crescer à custa da massificação do sector e da ocupação, artificialização e descaracterização da paisagem, realidade que, a médio e longo prazo, pode vir a pôr em causa a sua sustentabilidade económica devido à “fuga” dos turistas para outras regiões do mundo ainda preservadas.

Mesmo sem termos de considerar os maus exemplos que temos em Portugal, o Turismo é um sector que tendencialmente comporta enormes custos ambientais. O “simples” facto da prática do turismo implicar a deslocação de grande número de pessoas a distâncias que só estão ao alcance de uma mobilidade dependente de consumos energéticos elevados faz com que este seja um sector cuja sustentabilidade ambiental é muito difícil de alcançar. Por outro lado, as infra-estruturas para o sector turístico, nomeadamente para o necessário alojamento, principalmente quando desenvolvidas sem o imprescindível e adequado ordenamento do território, representam impactes ambientais negativos que contribuem para a degradação dos valores naturais, nomeadamente paisagísticos, que muitas vezes são a razão que move os turistas a nos visitar.

A mobilidade e os edifícios são os principais responsáveis pelo consumo de energia, que em Portugal depende em mais de 80% dos combustíveis fósseis. Esta realidade é responsável pelas emissões de gases com efeito de estufa que conduzem às alterações climáticas que já se fazem sentir. O turismo, como já se viu, está fortemente associado a estes dois sectores e como tal não deixa de ser responsável por uma parte dos consumos energéticos e da dependência do petróleo que hoje se vive por todo o mundo.

Embora o desafio de tornar o turismo mais sustentável, ou menos insustentável, seja difícil de alcançar não significa isso que se deva baixar os braços. Antes pelo contrário. É fundamental envidar todos os esforços para que o seu impac-



Fig. 2 - A construção de infra-estruturas para alojamento turístico em espaços naturais é responsável muitas vezes pela degradação da paisagem e da biodiversidade


te ambiental negativo seja o mais reduzido possível. A oferta de alojamento turístico e de outras infra-estruturas deve assim seguir um conjunto de critérios de redução do impacte ambiental que aposse tanto na fase de projecto como de funcionamento. Por um lado é essencial dimensionar e localizar correctamente estas infra-estruturas e, por outro, garantir o seu adequado funcionamento de modo a que tenham o mínimo possível de consequências na paisagem, no ordenamento do território, na biodiversidade e noutros aspectos importantes para a manutenção da qualidade ambiental, como o ar, a água, o solo e o clima.

Apesar de algumas unidades turísticas já apresentarem preocupações ambientais, nomeadamente com medidas para a redução dos consumos de água e energia ou produção de resíduos, a distância a que estamos do possível é ainda enorme. Um outro "pecado" contra o ambiente que o turismo tem cometido em Portugal é a ocupação de zonas sensíveis, afectando habitats e espécies ameaçadas. São exemplos mais recentes desta situação os



Fig. 3 - No litoral alentejano vários projectos turísticos em desenvolvimento na Rede Natura 2000 estão a descaracterizar a paisagem natural e a pôr em causa habitats e espécies

vários projectos turístico-imobiliários e respectivos campos de golfe que estão a ser projectados e construídos ao longo da costa alentejana em sítio da Rede Natura 2000.

Um turismo sustentável é possível mas terá que se distinguir muito do actual modelo. Terá de se basear num modelo de menor intensidade energética e num aproveitamento mais extensivo dos recursos naturais que caracterizam cada região. O turismo rural e o eco-turismo são uma excelente abordagem para encetar este novo modelo, desde que não seja desvirtuado o conceito. Já existem bons exemplos deste tipo de turismo no nosso país mas falta um factor multiplicador que o retire da excepção e o coloque definitivamente na regra desta actividade económica. 

HÉLDER SPÍNOLA,
Presidente da Direcção Nacional da Quercus

EDIÇÕES ORION



784 páginas a cores

Recomendado pela Sociedade Portuguesa de Engenharia Sísmica

SISMOS E EDIFÍCIOS

Autores:

Mário M. P. Santos Lopes (Coordenador)
Raimundo Moreno Delgado
João Fonseca
Carlos Sousa Oliveira
João José Rio Tinto de Azevedo
Rita Nogueira Leite Pereira Bento
Jorge Miguel S. F. Mascarenhas Proença
Luís Manuel Coelho Guerreiro
João Augusto da Silva Appleton
Maria Mafalda M. Henriques de Oliveira
Aníbal Guimarães da Costa
Eduardo Camacho Cansado Carvalho
António Nogueira Leite
Mário Rouxinol Fragoso
Vidália Miranda
Ana Sofia Casanova

Do índice:

- Os sismos
- Efeitos naturais, impacte e mitigação
- Caracterização da acção sísmica
- Concepção de estruturas
- Análise sísmica de estruturas
- Análise experimental do comportamento sísmico das estruturas
- Novas técnicas de protecção sísmica
- Tipificação do parque construído
- Intervenções negativas e erros de execução
- Reparação e reforço das construções
- Dimensionamento sísmico de estruturas de acordo com o EC8
- Aspectos económicos e sociais
- Análise sísmica de um pórtico plano de 3 pisos
- Regras gerais de reabilitação e reconstrução de edifícios correntes afectados pela crise sísmica do Faial, Pico e S. Jorge iniciada pelo sismo de 9 de Julho de 1998
- Exemplo de aplicação do EC8

Uma excelente síntese sobre a caracterização do fenómeno sísmico e as suas implicações na segurança anti-sísmica da construção nova e da reabilitação do parque existente. Especial ênfase prestada à nova regulamentação europeia anti-sísmica e ao estudo de casos práticos. Uma obra única na língua portuguesa realizada por alguns dos nossos maiores especialistas na matéria.

À VENDA NA LIVRARIA VIRTUAL DO GECORPA